

Os Compositores

12/09/99

01

A música instrumental de câmara começa já no século XVII com as primeiras experiências da sonata violinística e da sonata a três, isto é, com dois violinos e baixo contínuo. Mas tais experiências pararam por aí e só evoluíram com a segunda geração barroca, e principalmente com Vivaldi. Mas tomaram corpo definitivo com Haydn cujos trios e quartetos são de admirável concepção e realização. Por sinal poderíamos dizer que os quartetos de Haydn representam um marco indelével na história do instrumentalismo.



Mozart, com outro espírito e outro condicionamento tímbrico acompanhou as pegadas de Haydn enriquecendo-as porém com a introdução dos instrumentos de sopro em seus conjuntos. Isto deveu-se principalmente ao fato de serem os instrumentos de sopro muito difundidos na Áustria de então e a constante curiosidade mozartiana pela pesquisa dos timbres. Então ele apaixonou-se por tais instrumentos com a única exceção da flauta que ele não parece ter amado mais pela falta de bons instrumentistas do que pela qualidade do instrumento em si. Tem que se considerar todavia que as flautas de então ainda eram de

madeira e portanto bastante defeituosas em matéria de afinação e mecanismo. Tão pouco amor não o impediu todavia de usar magistralmente a flauta em suas obras deixando-nos também um excelente concerto para flauta e orquestra e alguns empregos camerísticos como o do Quarteto para Flauta e Cordas em Ré Maior K-285, cuja composição remonta ao ano de 1777, dedicado a um rico flautista amador.

Leveza e alegria parecem dominar esse quarteto, principalmente no primeiro andamento em que a flauta parece evocar o canto o canto dos pássaros

com elegantes e espirituais gorgieios

O adagio seguinte soa como uma serenata pontilhada pelos pziatos das cordas graves num espírito bastante próximo da “Pequena Serenata Noturna”.

O musicólogo Einstein afirma ser esse o mais lindo solo de flauta com cordas até hoje composto.

O rondo final é brilhante, virtuosístico e nele há alguns fragmentos em que a flauta e o primeiro violino tocam num unísono, o que confere a flauta uma cor toda especial. Toca o flautista

~~com a Orquestra~~, sob a regência de

Handl
Reznicek

Música

Concerto para flauta K -285.

Disco: Faixa:

Todavia a mais importante e impressionante obra camerística com sopros é o Quinteto em Mi Bemol Maior K-452 para Oboé, clarinete, fagote, trompa e piano. O primeiro andamento alcança um equilíbrio perfeito entre os sopros e o teclado, contendo também uma introdução protagonizada pelo piano. No segundo andamento acentua-se aquele sentimento de dramaticidade que se insinua nas composições da última fase mozartiana, sob a influência do

“Sturn und drang” e dos tristes acontecimentos que pontilham a vida de Mozart naquele período.

Ele se inicia com um caráter quase elegíaco, mas de repente no meio da composição há uma passagem intensamente dramática enunciada pela trompa e retomada pelo oboé: é como se de repente uma sombra obscurecesse a sentimental visão do dia caindo. Esse elemento de dramaticidade é valorizado pelas ricas e ousadas modulações provocando uma espécie de inquietação tonal. O movimento termina com o retorno da primeira frase de sabor elegíaco. O rondo final tem um tema inicial exposto pelo piano em andamento

não muito rápido. O desenvolvimento é rico de surpresas, e de ousadias harmônicas que parecem preparar as harmonias beethovenianas. Por sinal Beethoven mais tarde tentou o caminho da mesma formação de quinteto com sopros e piano mas a obra ficou declaradamente aquém da obra mozartiana.

Vamos ouvir então o Quinteto em Mi Bemol Maior K-452 com o grupo

*de sopros da
Filarmônica de Viena*

Música

Quinteto Mi Bemol Maior K-452

Disco: Faixas:

Retomando o caminho dos nossos itinerários musicais, passamos pela Rússia com o poema sinfônico de Borodin “Nas Estepes da Ásia Central”. Como já sabemos Borodin foi médico e químico, integrando também o grupo dos cinco que de repente irromperam na história da música com a força de um rio caudaloso. Não interessou apenas a Rússia européia, mas também a Rússia asiática, nas pegadas do seu mentor Balakirev que já havia explorado esse terreno com o poema sinfônico “Antar” e com o poema pianístico “Slamey”.

A interessante orquestração de Borodin, com aquele reiterado pedal agudo da flauta, parece reproduzir

os espaços intermináveis dos desertos asiáticos. Uma caravana islâmica movimentava-se no deserto, encontra outra caravana eslava e as duas se afastam na imensidão.

Música

Nas estepes da Ásia Central

Disco: 03 Faixa: 03

Tempo: 7'21"

Orquestra Sinfônica
de Götter

regida por

Neeme Järvinen

Os computadores

12 de setembro 1999

1) momento: Quarto
teto

Disco 1 - lado A

X faxal 1-2

Auroração 13'

2) momento: Quarto

Disco 1 - lado B

faxal 1-2-3

Auroração 1'

3) Borodin: Noz
catepea da Aia

Disco 2

Faixa 3

Duração 4' 21"

4) Borodin: Danças
do príncipe Igor

Disco 2

Faixa 4

ad libitum